

A Multifuncionalidade da Agricultura Urbana e Periurbana: contribuições a partir de hortas urbanas comunitárias em Campinas-SP

Palavras-Chave: Agricultura Urbana e Periurbana, Hortas comunitárias, Multifuncionalidade, Lugar.

Autores(as):

Raphael Sanches Hoff, IG – UNICAMP

Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos Alves (orientador), IG – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa parte de um campo de análise recente e com múltiplas abordagens, visando estabelecer um olhar analítico sobre o fenômeno da Agricultura Urbana e Periurbana, conhecida pela sigla AUP. Por se estruturar enquanto prática de produção de alimentos no tecido urbano, suas manifestações carregam as complexidades que envolvem a contradição de uma atividade tipicamente rural, mas que se desenvolve na cidade. Tal prática surge num cenário de urbanização progressiva, em que o rural se subordina ao urbano no contexto da organização do espaço, impondo novas lógicas, associadas aos processos de expansão urbana, metropolização e espoliação da classe que constitui a engrenagem das cidades no capitalismo (KOWARICK, 1980). Dentro dessa multiplicidade, pensar o urbano enquanto fenômeno espacial exige um esforço para não o reduzir aos interesses dos grandes agentes - o Estado e o grande capital -, pois cair nesta análise seria um erro da maior ordem. Há projetos divergentes sobre o uso das cidades, regulados por intencionalidades e agendas políticas que servem a propósitos incompatíveis entre aqueles que efetivam o uso do território.

O conjunto de sujeitos, saberes, técnicas e formas-conteúdo envolvidos no processo de construção de hortas urbanas é muito vasto, carregando consigo grande potencial de transformação, que não se limita as esferas materiais da existência. Faz-se necessário destacar a existência de definições diferentes do fenômeno, assim como tipologias distintas entre cada manifestação das hortas (em função dos agentes, espaços, técnicas, formas organizacionais, etc.). Dentro destes espectros, a multifuncionalidade se expressa como característica frequente, podendo ser observada a partir de dimensões econômicas, socioculturais e ambientais (CURAN; MARQUES, 2021).

Este trabalho situa as práticas da agricultura urbana, principalmente dentro da tipologia de hortas comunitárias, como possibilidade de expressão de uma práxis espacial dentro do tecido urbano, que constrói ativamente novas perspectivas de uso do território, resgatando o valor de uso do espaço urbano, em sua forma de convivência (COSTA; ALMEIDA, 2017). Para efetivar esta análise, com

ênfase nos elementos multifuncionais, alguns fatores constitutivos da prática de Agricultura Urbana precisam ser colocados em destaque, tais como: técnica, trabalho, sociabilidade, produtos, renda e impactos ambientais. É preciso abordar política, cultura e formas de organização comunitária, buscando entender em que medida isto se expressa como prática espacial.

Isso posto, esta pesquisa teve por objetivo analisar hortas urbanas comunitárias na cidade de Campinas-SP, partindo da multifuncionalidade como conceito estruturante da investigação. Elegemos os seguintes subsistemas agrícolas urbanos para estudos de caso: Horta Comunitária do Parque Itajaí e Horta da Comunidade Feminista Menino Chorão, ambas localizadas na periferia de Campinas. Tais hortas contam com histórias heterogêneas e formações complexas, vindas de comunidades igualmente distintas, mas com trajetórias, projetos e impactos relevantes. Diante disto, este trabalho surge como forma de investigar o fenômeno a partir de suas repercussões no espaço, como prática, e esperamos construir contribuições para o aprofundamento de estudos sobre a agricultura urbana comunitária.

METODOLOGIA:

A estrutura metodológica deste estudo consiste em uma revisão bibliográfica da literatura recente sobre o fenômeno pesquisado e análise de dados secundários, referentes aos estudos de caso. Assim, buscou-se construir um referencial teórico articulado ao estudo de um objeto empírico, com o objetivo de estabelecer uma investigação geográfica.

A busca bibliográfica foi realizada a partir de pesquisas nas bases de dados SciELO, Google Scholar, Portal Capes e Repositório Institucional da Unicamp, além de livros e publicações acadêmicas pertinentes ao tema pesquisado. Também foi realizado uma pesquisa ativa por meios não acadêmicos, a fim de sistematizar dados secundários sobre o fenômeno observado na cidade de Campinas. Tais dados são provenientes de veículos de comunicação, seja de jornais ou de movimentos sociais populares associados às comunidades e organizações envolvidas nas hortas comunitárias.

O processo de levantamento bibliográfico de artigos, monografias, dissertações e teses sobre a temática foi estruturado utilizando a combinação de palavras-chave “Multifuncionalidade”, “Agricultura Urbana”, “Agricultura Urbana e Periurbana”, “AUP”, “hortas comunitárias” e similares nos buscadores acadêmicos, com o objetivo de encontrar os principais trabalhos sobre o assunto. Além disso, livros clássicos do pensamento geográfico foram estudados como arcabouço teórico-metodológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Dentre as diferentes definições de Agricultura Urbana e Periurbana, há caminhos explicativos que privilegiam os aspectos produtivos, como escala e sistema de produção, e de localização da produção, elementos descritivos utilizados para buscar entender qual a especificidade da agricultura

nas cidades, em contraposição à sua forma rural, camponesa ou capitalista (MOUGEOT, 2001). Além disso, a composição daqueles que constituem a prática da agricultura urbana também é um dado que ganha destaque na definição do fenômeno, visto que se trata de um elemento muito significativo. Também são ressaltados o produto e a técnica necessária, assim como os diferentes espaços em que se manifesta. Há uma intensa heterogeneidade de agentes e subespaços em que a produção de alimentos surge dentro do “ecossistema” urbano. São práticas que têm origem espontânea, muitas vezes informal e distribuída num padrão espraiado (SANTANDREU; LOVO, 2007).

Isso posto, também é necessário buscar entender as diferenças tipológicas desse fenômeno. A AUP pode ocorrer em diferentes locais, como por exemplo quintais, lajes de cobertura residencial, escolas públicas, unidades de saúde básica, terrenos vazios ao longo de avenidas, praças, fazendas empresariais lucrativas, jardins de chuva alimentícios, estufas hidropônicas ou em terra, parcelas de terrenos governamentais, entre outros. Tais tipologias podem vir a ser formas contra-hegemônicas de uso do espaço urbano, na medida em que contrariam a lógica de que o espaço não construído é ocioso, que demanda, inevitavelmente, algum tipo de instalação de sistemas de engenharia (COUTINHO; COSTA, 2011), além de construir novas formas de solidariedade na escala do lugar em que surge. A partir do conceito de multifuncionalidade, a análise da agricultura urbana ganha camadas de complexidade, singularizando estas tipologias a partir do papel de cada dimensão funcional.

A partir disso, os estudos de caso das hortas comunitárias no município de Campinas-SP se mostraram reveladores do caráter multifuncional da agricultura urbana, ainda que as situações selecionadas tenham grandes diferenças entre si.

O primeiro caso, referente à Horta Comunitária do Parque Itajaí, efetivou-se em 2004, como forma de terapia ocupacional de um morador chamado João Novais, que permanece até hoje como membro da horta. A horta está localizada no bairro Parque Itajaí IV, no distrito de Campo Grande, na Região Noroeste de Campinas. Neste momento inicial, João estava afastado de seu trabalho por motivos de saúde, e passou a cultivar hortaliças num terreno desocupado, tendo grande trabalho de recuperação do solo, que já estava degradado. Outros moradores passaram a construir a horta, como Orlando Batista dos Santos, que levou a cabo grande parte da organização da horta, dando início à formação do grupo de produtores de forma espontânea, culminando com o posterior reconhecimento do poder público municipal. Em 2010 houve a formalização da horta com a Associação Cio da Terra,



Figura 1 - Funções da Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) divididas por dimensão. Elaboração: Curan e Marques, 2021.

que levou à captação de recursos diversos a partir de instâncias da prefeitura de Campinas. A Unicamp também teve papel extensionista, levando oficinas de manejo agroecológico aos produtores (SANTOS, 2015).

O segundo caso retrata uma experiência mais recente, que passou por descontinuidades, mas segue em construção ativa. A horta urbana da Comunidade Feminista Menino Chorão, localizada na região do Campo Belo, na periferia de Campinas, surge a partir da mobilização popular dos moradores desta ocupação urbana. Teve início em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, em conjunto com a iniciativa de uma associação comunitária chamada Pertim. A líder comunitária Carmen Sousa teve importante papel na formação desta horta, que envolveu moradoras e voluntários externos ao local. A partir disso, criou-se uma horta urbana comunitária num terreno vazio próximo as moradias da ocupação, sendo, também, uma agrofloresta (Teia dos Povos, 2021). Os produtos da horta eram comercializados de maneira informal, mas tinham como principal destino a garantia da segurança alimentar da própria comunidade, que enfrentava um cenário de aumento expressivo do desemprego. Dinâmicas próprias do local, que faz fronteira com o Aeroporto Viracopos e não tem uma situação de regularização fundiária, também afetaram a horta, que lidou com incêndios e dificuldades de manutenção. No entanto, a horta permanece de pé, ainda que não apresente um grau de institucionalização tão elevado, e vem diversificando seus métodos de comercialização dos produtos, garantindo complementação de renda de muitas famílias da comunidade (ALMEIDA, 2021).

CONCLUSÕES:

As hortas selecionadas apresentam graus diferentes de institucionalização, técnicas, recursos e agentes envolvidos, mas se atravessam a partir de sua inserção multifuncional no espaço. Como impactos diretos nas dinâmicas do lugar, pode-se observar uma participação crescente de moradores de ambas as comunidades nas hortas, seja no manejo, na distribuição ou no próprio consumo direto. Também nota-se um fortalecimento de práticas de preservação ambiental, na recuperação de solos degradados e na coleta/limpeza de lixo e entulhos, a geração de renda aos assentados e pessoas em situação de desemprego, o fortalecimento dos laços sociais de vizinhança no espaço de produção, melhoria da saúde e da segurança alimentar, através de produtos orgânicos e plantas medicinais, entre tantos outros impactos. Estes aspectos constituem a multifuncionalidade das hortas urbanas comunitárias, que se manifestam em diferentes graus nos dois casos estudados. A análise deste potencial de transformação indica uma prática de mudança, associada à noção de práxis espacial (COUTINHO; COSTA, 2011).

Entendemos que a Agricultura Urbana e Periurbana, estabelecida na singularidade das hortas comunitárias, pode ser entendida como um fator de desequilíbrio das lógicas reinantes, isto é, de evolução do espaço habitado, a partir das transformações no campo das formas geográficas e da significação na escala do lugar. Há uma mudança do significado do lugar no conjunto do espaço.

Surge uma alteração na ordem local, criando novas dinâmicas no lugar a partir do estabelecimento de uma horta urbana comunitária. Esta ordem local é fundada na co-presença, na vizinhança, na intimidade, na emoção, na cooperação, e na socialização com base na contiguidade, ainda que seja mediada pelas lógicas hegemônicas do mundo globalizado (SANTOS, 2005). Nesse sentido, a multifuncionalidade de uma horta urbana (com suas dimensões socioculturais, econômicas e ambientais) tem repercussões espaciais a partir do lugar, mas não se encerra nele. Seus impactos criam novas dinâmicas no conjunto do território, a partir do meio ambiente, da socialização, da geração de renda, da promoção da saúde, e outros fatores englobados pela multifuncionalidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carol. Resistência Feminista: Comunidades Agroecológicas se Organizam Para Soberania Alimentar. **Modifica**, 5 out. 2021. Feminismos. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/resistencia-feminista-no-campo-comunidades-agroecologicas-se-organizam-para-soberania-alimentar/>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- COSTA, H. S. de M.; ALMEIDA, D. A. O. AGRICULTURA URBANA: possibilidades de uma práxis espacial? **Cadernos de Estudos Culturais: Eixos Periféricos**, v. 4, n. 8, 2017.
- COUTINHO, M. N.; COSTA, H. S. de M. Agricultura urbana: prática espontânea, política pública e transformação de saberes rurais na cidade. **Revista Geografias**, v. 7, n. 2, p. 81–97, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13322>. Acesso em: 21 out. 2022.
- CURAN, Roberta Moraes; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. Multifuncionalidade da agricultura urbana e periurbana: uma revisão sistemática. **Estudos Avançados**, 2021, v. 35, n. 101, pp. 209-224.
- KOWARICK, L. A Espoliação Urbana. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 1980.
- MOUGEOT, Lúcio. J. A. Agricultura urbana: conceito e definição. **Revista de Agricultura Urbana**, Brasília, n. 1, 2001.
- #1: Comunidade Feminista Menino Chorão. **Teia dos Povos**, 8 mar. 2021. Caminhar para a Autonomia. Disponível em: <https://teiadospovos.org/caminhar-para-a-autonomia-1-comunidade-feminista-menino-chorao/>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. Panorama da agricultura urbana e periurbana no brasil e diretrizes políticas para sua promoção: identificação e caracterização de iniciativas de AUP em regiões metropolitanas brasileiras. Belo Horizonte: **FAO/MDS/SESAN/DPSD**, 2007.
- SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: **Edusp**, 2005.
- SANTOS, O. B. Dificuldades e Perspectivas da Prática de Agricultura Urbana no Estado de São Paulo: agricultores de Campinas. **Revista Informações Econômicas**, SP, v. 45, n. 6, 2015.